

# O Gaiato

PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 21 de Junho de 1986 \* Ano XLIII — N.º 1103 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## REFLECTINDO

Todos os anos na semana sétima do tempo litúrgico chamado comum, que ocorre mais ou menos nesta época, nos é dado reler um trecho de um livro sapiencial do Antigo Testamento, **O Eclesiastes**, para nos lembrarmos de que «tudo tem o seu tempo, tudo tem a sua hora debaixo do sol: Há tempo para nascer e tempo para morrer, tempo para plantar e tempo para colher...» — um tempo para cada coisa.

Comentando esta palavra, justamente a primeira, «há tempo para nascer e tempo para morrer», S. Gregório, Bispo do século IV da nossa era, tem esta preciosa afirmação: «De facto, somos em certo modo pais de nós mesmos quando, pela boa disposição do espírito e pelo livre arbítrio, nos formamos a nós mesmos, nos geramos e nos damos à luz».

É evidente que não se trata do nascimento físico, o qual, por não resultar da nossa vontade, não nos constitui em virtude ou defeito, qualquer que seja a sua oportunidade. Trata-se de um nascimento moral, ponto de partida para um crescimento moral que esse, sim, por muito que seja condicionado pelas circunstâncias exteriores que nos são dadas, depende fundamentalmente da nossa boa vontade e do bom uso da nossa liberdade.

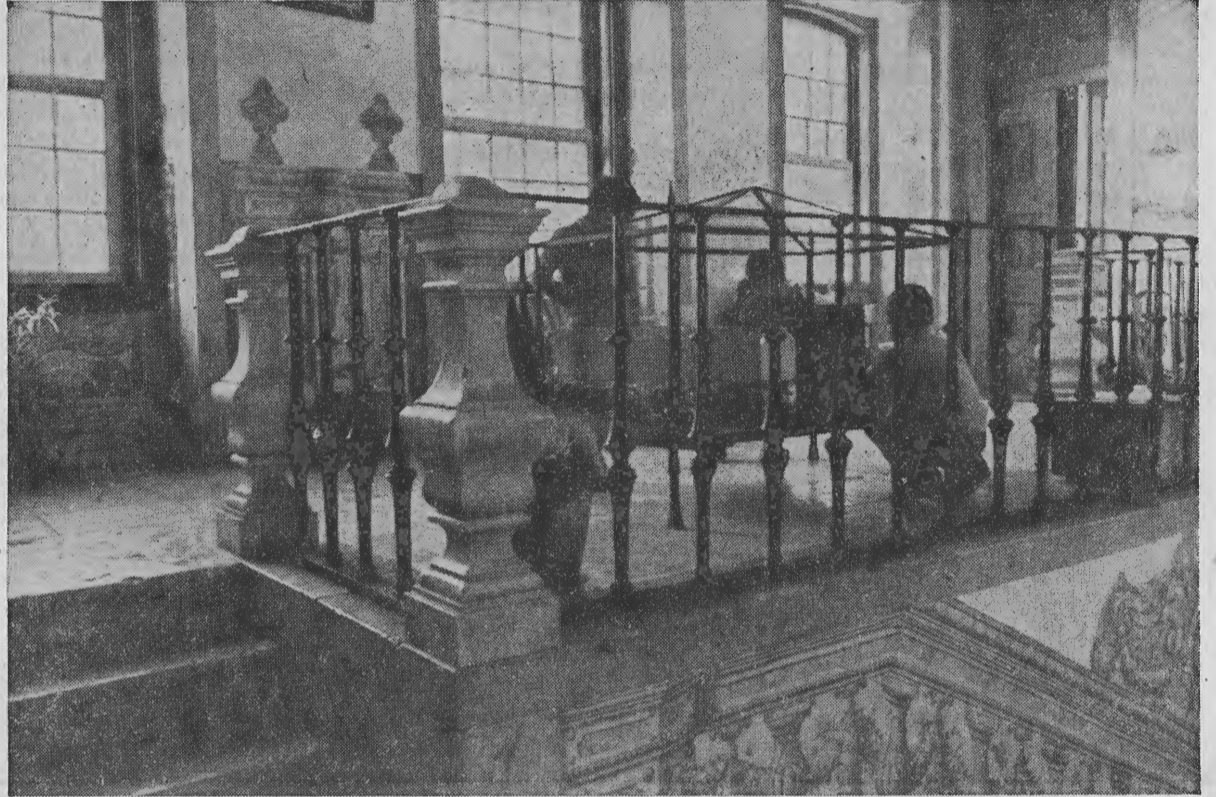
A educação, a formação do carácter, é, com efeito, um acto eminentemente reflexo que outros devem ajudar ou podem dificultar, mas acto de cada um sobre si próprio na medida em que a idade o vai abrindo à luz da razão.

A tendência para descarregar sobre outros as culpas dos nossos defeitos é, afinal, um sintoma de demissão da personalidade, porquanto tal atitude significa que nos consideramos mais produto alheio do que nos assumimos como autores de nós mesmos.

É verdade que os primeiros anos de vida nos sujeitam mais aos outros e nos marcam profundamente para o futuro; mas não ficamos presos irremediavelmente a essas influências; e, porque elas tenham sido negativas, nos deixemos amarrear à fatalidade do «berço dá, a tumba o leva». Há sempre um tempo para nos libertarmos delas, uma oportunidade que nos abre a porta dessa «prisão» para um caminho que importa seguir.

Isto que digo, estou a vê-lo à luz de casos vividos por tantos de vós, rapazes: uns que levaram tempo a arrancar dos olhos as escamas que os impediam de ver esse caminho, mas conseguiram; outros que se recusaram a ver.

Cont. na 4.ª pág.



Este prédio fora residência dos Patriarcas; depois, berço da Casa do Gaiato de Lisboa, antes da construção da nova Aldeia dos Rapazes — em Santo Antão do Tojal (Loures).

## AQUI LISBOA!

«Dizem que a lepra faz perder a sensibilidade. Nós ajudamos leprosos!» (Pai Américo)

Na fase final do ano pastoral multiplicaram-se por esse País fora as primeiras comunhões, as comunhões solenes e as profissões de fé, procedendo-se, por outro lado, ao encerramento das actividades

paroquiais. Entretanto, entra-se no período forte das festas religiosas.

Aproveitando o ensejo, não queremos deixar de verberar os excessos cometidos, com gastos sumptuosos e a deturpação efectiva dos valores envolvidos que importaria cultivar e pôr em prática, em ordem a uma fé viva e conse-

quente, numa linha de autenticidade e coerência, envolvendo crianças, jovens e adultos, famílias e comunidades. De outro modo, momentos grandiosos e cheios de significado acabarão por ser estéreis, quando não altamente prejudiciais.

Vaidadezinhas mundanas, despiques sem sentido, tradições desvirtuadas, em que o acessório ou accidental se sobrepõe ao primário, são aspectos que todos podemos constatar, para lá dos milhares de contos desperdiçados em conjuntos, fogo de artifício e foguetes, comes e bebes em excesso, etc, etc. Poucas pessoas reagem a esta inversão de valores e, se o fazem, pouca força têm para tal. Os acontecimentos religiosos são, não raro, para o comum das pessoas, ocasião de «paganização» do sagrado.

«Cada freguesia cuide dos seus Pobres», foi lema propagado por Pai Américo aos quatro ventos. Faz pena ver que, enquanto se dissipam milhares de contos em coisas fúteis ou até deletérias, apenas sobram, quando sobram, algumas migalhas para os Irmãos mais carecidos, vivendo em

muitos esperam a hora de entrar na Casa do Gaiato. Não podem, enquanto não forem voando, por sua conta e risco, os que estão preparados para o emprego. As camas estão ocupadas por eles.

As nossas aflições... A formação do lar é uma etapa normal na vida de um rapaz ou rapariga. Os nossos têm o mesmo anseio. Não o podem realizar sem o ganha-pão que é o emprego.

Oxalá os quatro que hoje foram aos «testes» de serralharia encontrem a porta aberta para o lugar que procuram. Que eles o mereçam e, também, a casa que os venha a receber. Obrigado.

Padre Manuel António

Cont. na 4.ª pág.

## AS NOSSAS AFLIÇÕES

A hora do pequeno-almoço, o Júlio Mendes manda recado para passar uma carta de apresentação de quatro serralheiros a uma firma da especialidade, em Matosinhos.

São rapazes criados por nós. Fizeram a tropa. Regressaram a sua casa — a Casa do Gaiato. Fizeram o seu curso, promovido pelo Centro de Emprego. Estão preparados profissionalmente. Esperamos que não falem como homens.

Não sabemos se vão ficar ou não. É a hora das grandes afli-

ções, quando chegam a esta idade! Filhos criados... Dores de parto acolhidas, dia-a-dia, ao longo dos anos... Agora homens feitos — mas não acabados... Aflições de quem ama e quer ver os filhos felizes a conduzir o seu barco... Novos lares à vista... Alegria, sempre nova, da missão cumprida e que reconteça... É a hora das grandes aflições!

Houve tempo em que dizíamos a estes filhos que era mais fácil arranjar emprego para os rapazes do que rapazes para os empregos. E fazia-

mo-lo porque as portas do trabalho se nos abriam como forma eficaz de ajudar a Casa do Gaiato. Dar trabalho aos rapazes devidamente preparados é ajuda oportuna e insubstituível. E, se nada tiramos ao que atrás ficou dito, temos que acrescentar: é muito difícil arranjar emprego para os rapazes. Isto traz-nos mais compromissos — a eles e a nós: melhor preparação profissional; verdadeiro apego ao trabalho; mais exigência para termos mais pedidos de emprego.

As nossas aflições... Lá fora,

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Tojal

«Eu cá gosto que os Rapazes vibrem e tenham opinião.» (Pai Américo)

**FESTAS** — Após uma ausência de quatro anos alguns dos nossos rapazes mais velhos assumiram a responsabilidade de tornar possível a realização da nossa Festa. A Festa é o comungar de situações vividas em nossa Casa e nos pacos onde esta se realiza. Depois de tantas horas de dedicação, de muito trabalho, nascem os números dos «Batatinhas», as marchas, as danças, os monólogos e a inspiração de última hora. Malas feitas, trajes engomados, sapatos engraxados, as cabeleiras penteadas, os instrumentos musicais afinados, a mala das pinturas...

No dia 18 de Maio partimos para o Império, em Lisboa; alguns artistas foram nos nossos camrós, o resto da Comunidade transportada num autocarro, gentilmente oferecido, aliás, como em anos anteriores. Foi lindo espalharmos a nossa mensagem a tantos amigos lisboetas:

«ISTO É A CASA DO GAIATO» —

No dia 24 de Maio estivemos em Loures, no Cinema dos Bombeiros Voluntários, e em 31 de Maio na grande cidade de Torres Vedras. A nossa última Festa foi um encontro com os nossos amigos de Odivelas.

As nossas Festas são uma aproximação das pessoas com a nossa Comunidade, momentos que jamais se apagarão. Um agradecimento às senhoras que dedicaram parte do seu tempo de lazer para arranjarem as roupas, o calçado dos artistas e também para as da maquilhagem. Elas lavam, vestem a roupa melhor e penteiam os «Batatinhas», não esquecendo de pôr nas suas caritas duas ou três gotas de perfume dos frascos que as nossas amigas, de quando em vez, têm o cuidado de oferecer. Uma senhora amiga trata da guarda-roupa e, nos camarins, é ela que coordena

todas as actividades. É uma alegria os artistas sentirem que tudo corre bem, que os vestidos das damas e os fatos dos cavalheiros estão um primor. Recebemos muitos mimos: A vossa presença, as vossas palmas e sorrisos e, por fim, os vossos envelopes e as mesas cheias de coisas muito boas!

Nas Festas deste ano já nos fizemos eco do grande acontecimento que ocorrerá em 1987: a celebração do centenário de Pai Américo. E porque é uma data importante para todos nós, começámos os preparativos para as Festas de 1987. A senhora do guarda-roupa já tinha solicitado o auxílio dos nossos leitores, pois caso tenham por aí, num cantinho, sapatos de senhora grandes (40, 41, 42), cabeleiras, meias finas (pequenas, grandes e largas), colares, pulseiras, vestidos e fatos relacionados com o meio artístico enviemo-nos, por favor. Renovo o apelo para superarmos as dificuldades que temos em compor as músicas e na pauta continuam a faltar as seguintes notas: uma mesa de mistura, material discográfico e um giradiscos/leitor de cassetes. Vamos mexer os cordelinhos... Contamos com a vossa ajuda e só me resta agradecer a boa compreensão e colaboração de todos os nossos amigos.

**PAISSEIO** — Os nossos amigos da TAP AIR PORTUGAL ofereceram-nos uma viagem de avião Lisboa-Porto-Lisboa. Domingo, dia 27 de manhãzinha, à nossa porta o autocarro que nos levou ao aeroporto. Depois, foi o primeiro contacto com a tripulação e os gaiatos da Casa do Gaiato de Setúbal. Tomámos os nossos lugares e com as saudações do comandante iniciámos o voo. Que lindo, um maravilhoso espectáculo: as casinhas, as ruas, a paisagem, a imaginação, as nuvens! Aterrámos no Porto e já lá estavam os autocarros que nos levaram a Braga e a Guimarães. Aí, a TAP ofereceu-nos o almoço. Regressámos à cidade do Porto, ao aeroporto de Pedras Rubras, e tomámos nova-

mente os nossos lugares no avião. Chegámos à Portela e com uma aterragem à Schweppes terminámos esta inesquecível viagem. O nosso muito obrigado a todos os amigos que tornaram possível a concretização deste sonho.

**CAPELA** — Continuamos a receber inúmeras cartas de apoio à construção da nossa Capela. Nesta crónica coloco a voz de um casal amigo:

«(...) Eu e a minha mulher decidimos corresponder ao apelo lançado n' O GAIATO para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição.

Esta será, estamos certos, mais um lugar onde se implorará a Deus, por meio de Sua Mãe Santíssima, as bênçãos de que o nosso Portugal tanto carece.

A terminar, confessamo-nos agradecidos por tudo quanto temos recebido através da leitura d' O GAIATO e dos livros da vossa Editorial.»

Sementes que os nossos queridos leitores lançam, hoje, à terra, para que, brevemente, todos possamos colher os frutos maduros e pôr no altar os momentos alegres e as horas tristes — se comungarmos o Amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.

**PAVILHÃO** — Graças a Deus, posso hoje anunciar que está nos acabamentos finais, nas pinturas e últimos retoques!

**AGRICULTURA** — Estamos a aproximarmo-nos do Verão e as plantas carecem de muita água. Pois a rega tem ocupado a maior parte dos rapazes que laboram no campo. Já prepararam as «caldeiras» das laranjeiras. Que bonito está o batatal! E os tomateiros, os pimenteiros, o feijão verde e as alfaces prometem. A foíce já coifa nos campos do trigo, da cevada e da aveia. O nosso chefe mandou lavar o tanque para que todos, após um dia de trabalho, tomemos um banho cheio de mergulhos e haja campeonatos e grande disputa entre os nadadores.

Para todos, um abraço da Comunidade do Tojal.

José Manuel dos Anjos Nunes

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Os nossos Leitores partilharam no concerto da moradia como estímulo para a mudança de comportamento; mas ela andou por lá outra vez e regressa com mais um filho no ventre. São já três filhos de ninguém.

Após cada regresso, perora tudo o que lhe falta. E não é pouco para três inocentes, que, se não forem criados com o mínimo necessário, talvez sejam, amanhã, cadáveres-vivos, marginalizados.

O mundo marginaliza tanto esta classe de gente...!

Recentemente, algures, enquanto esperávamos os restantes elementos dum grupo ao serviço dos Outros, pegámos numa revista pousada na

sala de espera dum gabinete e lemos as partes fundamentais dum estudo sobre a má nutrição dos bebés no primeiro ano de existência e suas repercussões pela vida fora; quadro negro quantificado por homens de ciência para séria reflexão: do mau aproveitamento escolar das crianças a outros males aos quais a Nação tem de acudir — tarde e mal.

No caso vertente, vamos procurar cuidar dos vivos e endossar o problema a uma *samaritana*. Com a graça de Deus, poderá ser mais uma luz no meio das trevas que o mundo gera. Luz da Luz!

Para além dos casos normais, demos ainda a mão:

A um casal jovem, semi-analfabeto (ai a mancha negra do analfabetismo!), que não recebe abono de família há cerca dum ano porque, diz o moço, «a gente não sabe dar as voltas!»

A um homem já no limiar da terceira idade, com muitos anos de serviço ao Estado — na Pátria-mãe e em Angola — que mandou requerimento em 1984, com vista à pensão de reforma, mas teria respondido mal a uma ou outra questão. «Não entendi os últimos papéis. A gente mal sabe ler e escrever...!»

E, também, a uma lavradeira de cara lavada e lenço amarrado. Vive em casa doutros, mas quer traçar da sua para o resto da vida:

«Somos agricultores. Há vinte anos que estamos no mesmo senhorio. Há treze, herdei uma casita, que ardeu sem ficar uma telha. Dêem-me uma ajudinha... Estou inválida. Não posso andar sobre um pé que parti por cair dum carro de estrume. Também tenho um filho inválido, que nasceu aleijado...»

E mais. Muito mais!

**PARTILHA** — O assinante 10610 arruma contas com O GAIATO, por vale postal, e destina «as sobras para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Assinante 12313, idem. Assinante 4452, idem e pede desculpa (!) «por ser uma gota, mas estou reformado há 11 anos, reforma pequena e, graças a Deus, com uma certa economia posso enviar esta importância. Querira enviar mais, mas é difícil». Aqui está o valor!

A presença habitual do assinante 3359, do Porto, e da assinante 24025. 3.000\$00 da assinante 5717. 1.500\$00 da assinante 4951, de Queluz. Dez mil de M. Pereira e Amigos. Metade, de Aveiro, com a marca do Hotel Imperial — e a amizade de sempre. «Maria de Portugal» não falha! «1 de Junho — No mês do Coração de Jesus, no mês do Amor, esta pequenina prova de amor: 500\$00.»

Mais generosidade da assinante 31104 — «minha habitual contribuição para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Continua: «Dei volta às minhas contas, com o pensamento de que o que temos é para partilhar... Na subida do meu calvário também peço que rezem por mim...»

Contribuição habitual de «Uma assinante de Paço de Arcos» solicitando «orações para a intervenção a que a minha Mãe se tem de submeter». O Senhor, está a ouvir-nos. «Onde dois ou três se reunirem, aí estou Eu.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Lar do Porto

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Mais uma vez, aqui estamos a dar testemunho das visitas que fazemos aos nossos Pobres. Como devé ser do vosso conhecimento, uma das heranças que Pai Américo nos deixou, é dar uma palavra de conforto aos irmãos mais necessitados. Os irmãos que nós visitamos, moram na Rua Francisco Rocha Soares, aonde vivem em péssimas condições humanas e sanitárias. Isto vem a propósito de alguém, com responsabilidades no País, ter prometido, já há uns meses, uma habitação mais condigna e até à data nada foi feito para bem do nosso semelhante.

Da última visita que fizemos, fomos abordados pela nossa Pobre, dizendo que a partir deste mês teriam que pagar uma renda, por habitar a casa que nem esgotos nem água tem; por tal motivo é uma casa em condições desumanas de ser habitada.

Não imaginam os nossos amigos leitores quanto de lição nos dão estes nossos irmãos! Embora vivendo um d'a-a-dia com tantos sacrifícios, recebem-nos sempre com um sorriso. Não pela importância monetária ou material que lhes levamos; mas, sim, por poderem partilhar conosco as suas tristezas e alegrias. Chegamos a pontos de, em vez de levarmos uma palavra de conforto, sermos nós que a recebemos! Porque é naquele me'o humilde que nos apercebemos das carências que aquela gente tem. Pois são famílias, na generalidade, que têm número elevado de filhos traumatizados pela vida que levam, mas sempre convencidos que o dia de amanhã será melhor que o de hoje, não se deixando abater pelas injustiças sociais a que estão sujeitos.

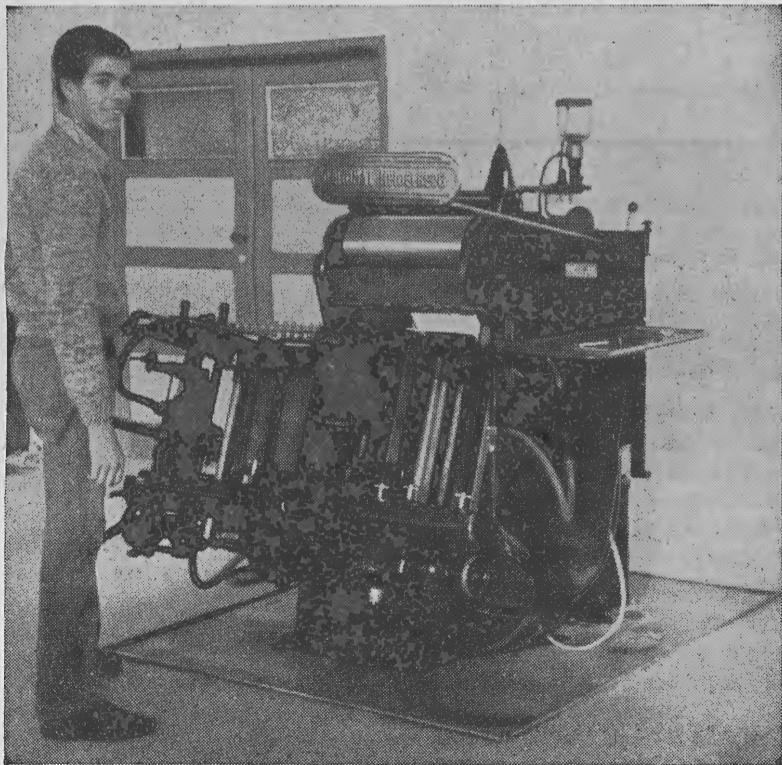
Amigos leitores, vamos todos dar as mãos e pedir a Deus que este sofrimento seja mais leve para estes nossos irmãos.

**Campanha tenha o seu Pobre:** Do assinante 20381, a quantia de 4.000\$00 para ajudar um casal idoso. Da assinante 19177, 1.000\$00; mais 500\$00 por alma de Palmira, mais 150\$00 doutra pelas suas intenções e mais 100\$00 para que Deus lhe dê paz na vida dela. De Fernanda, do Marquês, 1.000\$00. Do assinante n.º 20 mais massa; e de um anónimo, 1.000\$00. Em nome dos nossos irmãos mais necessitados, muito obrigado.

Casal vicentino

## Paço de Sousa

**PAISSEIO ESCOLAR** — Os rapazes da Escola Primária fizeram um passeio ao Minho. Passaram por Santo Tirso, onde visitaram uma fá-



Sorri para o fotógrafo porque tem amor à sua máquina, ao seu futuro profissional — preparado nas oficinas gráficas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.



# O livro CANTINHO DOS RAPAZES

■ «É como o pão fresco acabado de sair do forno»

O subtítulo é do assinante 14796, de Linda-a-Velha. Simbólico, expressivo!

Se o CANTINHO DOS RAPAZES estivesse imbuído nos negócios do mundo, poderíamos considerar a edição — que traduz a vivência de Pai Américo como Pai, especialmente do sem-eira-nem-beira — um verdadeiro best-seller!

Estão já fora de portas cerca de 6.000 volumes! Por isso, a correspondência dos Leitores traz Fogo do Céu!

Ainda não surgiram, é certo, muitos comentários de jovens — a pressão do fim do ano escolar! — mas basta a motivação dos pais, dos adultos, dos encarregados de educação. Nos domínios da formação, se estas pedras falham, o edifício desmorona mais facilmente. Por outras palavras, di-lo a assinante 5653, da Capital do Norte:

«Agradeço, vivamente, terem-me enviado este precioso livro: CANTINHO DOS RAPAZES, do santo Padre Américo. Tenho-o lido como referência doutrinal e espiritual para o meu dia-a-dia; encontro um re-

gresso às origens, à minha infância, ao tempo de formação da minha consciência. É um elemento divino de conversão para uma vida mais simples e autêntica. Que Deus ilumine aqueles que tiverem oportunidade de o lerem. Bem hajam!...»

Mais extratos da correspondência que temos em mão:

«As obras de Pai Américo não têm preço e as lições que nos dão, são sempre novas, vindas da mesma Fonte. Bendito seja Deus!» — exclama a assinante 24889.

Amigo J. J., da Rua Santa Catarina — Porto:

«Agradeço não se terem esquecido de me enviar mais esta bela obra: o CANTINHO DOS RAPAZES.

Junto um cheque e peço um outro CANTINHO, pois quero estar preparado para com ele ajudar «um dos mais espigados» que tope no meu caminho, aflito, para «ultrapassar o cabo das tormentas».

Assinante 32230, também da Capital do Norte:

«As vezes chego a ter vergonha de mim..., de não arranjar tempo para estar convosco. Sois também raízes do meu ser, hoje, neste meu aqui e agora!

Recebi o n.º 1101 do «Fa-

mos». Delirei com o novo livro de Pai Américo — CANTINHO DOS RAPAZES — que tanto gostava de ler nos meus tempos de Singeverga. Apres-so-me a pedir quatro exemplares. Meus filhos irão gostar. Eu vou delirar!»

Poderíamos continuar com a voz dos Leitores. Tantas almas cheias, cheinhas! Mas façamos uma paragem para assinalar três dos nossos Bispos com interesse pelo CANTINHO DOS RAPAZES, um dos quais o «vai apreciar muito em breve».

■ **POSTAIS RSF (resposta sem franquia)**

Ainda no domínio da correspondência dos Leitores que dizer da quantidade de postais RSF (resposta sem franquia) que chega, todos os dias, à nossa mesa de trabalho — para aviar?! Presenças silenciosas, mas transparecendo, na generalidade, grande apetência pelas obras da nossa colecção, inclusivé o CANTINHO DOS RAPAZES e outras. O Manuel e sua equipa — «Campanera», «Sonnemberg», «Conchinha», etc. — não têm mãos a medir, com a agravante de se terem esgotado os sacos e, agora, procedem a uma embalagem mais demorada de todas as remessas! É o menos... Aceitam o «acidente de percurso», cumprem na hora própria e não ficam com «eneomendas em carteira». No entanto, o Quim tem já as chapas em ordem, com ilustração e montagem a preceito, para se imprimirem milhares de sacos necessários para novas obras de Pai Américo, entre as quais demos prioridade ao «NOTAS DA QUINZENA», cuja actualidade se mantém ou a palavra profética de Pai Américo não fosse (como é) cimentada na Vida Eterna com os pés bem assentes na Terra — antecâmara do Céu.

■ **REEDIÇÕES**

Já que falamos noutros títulos, lembramos que temos ao dispor a 5.ª edição do 1.º volume do PÃO DOS POBRES e a 3.ª edição do 1.º ISTO É A CASA DO GAIATO, assinalados no citado postal RSF. Aliás, muitos são os Leitores que gostam de ter à disposição as obras completas de Pai Américo: «Não sei porquê (eu sei!)» — comenta um Amigo de algures — só descanso quando possuir, na minha estante, para reflexão, todos os livros do Padre Américo».

Ficamos por aqui de olhos bem pregados na sala ao lado, na azáfama motivada pela expedição do CANTINHO DOS RAPAZES: Um, atende correspondência; outro, dactilografa fichas e rótulos; outro, ainda, procede à embalagem das obras; por fim, o «Conchinha» estampa a correspondência. Um mundo que gira sobre rodas, qual **Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes!**

Júlio Mendes

Retalhos da vida

## «PATINHAS»



Sou o Paulo Alexandre Gomes Tronção, mais conhecido por «Patinhas».

Tenho 10 anos e vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Sou de Santarém. Os meus pais fugiram para Serpa e fiquei com os meus irmãos em casa, sozinhos e fechados.

Não conheci a minha família! Fui criado por uma senhora, que era muito boa, e tenho saudades dela.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque a senhora que me criou, adoeceu.

Na nossa Aldeia são todos meus amigos e eu também sou amigo dos meus companheiros.

Um abraço a todos os leitores e assinantes d'O GAIATO.

Paulo Alexandre Gomes Tronção

## TRIBUNA DE COIMBRA

● A tarde deste domingo foi para ir longe certificar-nos de situações de crianças, situações apresentadas por dois párocos, professores da Escola Primária, Conselho da Escola Preparatória e Serviço de Saúde. Tantos empenhos alarmar-nos.

Fui ver. Nas duas povoações toda a gente conhece. Na primeira casa onde perguntámos fiquei a saber que aquilo que haviam escrito correspondia totalmente à verdade.

A primeira paragem foi num pinhal ocupado por muitas barracas de tijolos, amontoadas, habitações de famílias todas retornadas da mártir Angola. O primeiro a aparecer foi um dos dois pequenos por causa de quem íamos. O outro irmãozinho tinha saído de manhã e àquela hora ainda não tinha regressado. O pai, branco estrangeiro, é totalmente inválido dos pulmões. A mãe, angolana, não sabe dar conta da vida nem dos filhos que são seis e é necessário acudir-lhes. A miserável barraca não tem condições algumas de habitação humana.

● Deixámos aquele espectáculo de miséria e regressámos pelo mesmo caminho de pó. Atravessámos a estrada nacional e seguimos para outro lado. Na rua deu-nos a impressão que toda a gente da aldeia nos esperava, sem nada saber. Toda a gente anda consternada: «Venha ver uma miséria desgraçada como o senhor nunca viu!» Era a casa sem portas, cheia de montes de lixo, com sacos e sacos de roupa suja, amontoados no pátio. Tudo desarrumado.

O pai faleceu, há meses, de desastre. A mãe já antes tinha abandonado o marido e os filhos e ganha a vida em bofes e nas ruas. A filha mais velha segue o caminho da mãe. São mais cinco filhos pequenos.

Vivem sozinhos naquele antro de abandono.

O Tribunal de Menores e o Serviço Social têm dado bons conselhos. As crianças vão-se degradando com esperança de promessas, e não dão a mão. Alguns familiares já não confiam.

Deixámos uma réstea de esperança de acudirmos aos três mais novos e todos nos disseram um adeus confiante.

● Setenta quilómetros depois parámos junto duma casa em construção que sempre nos tem impressionado. Na passagem topamos sempre com crianças que por ali andam. A construção parou no primeiro piso sem nada a agasalhar. Um barracão de tábuas e outro de tijolo estão a servir de habitação.

O pai trabalha, a dias, nos pinhais; e a mãe não se pode descurar com os seis filhos todos pequeninos. Uma pequenina, de dois anos, só agora deu sinais de surda-muda e anda a caminho de Lisboa. A mais pequenina tem três meses. A mãe, limpa e amorosa, luta heróicamente pela criação dos filhos, agora pedindo mais ajudas para as viagens.

Este casal começou, já há anos, a construção de sua casa, em terreno que lhe foi oferecido. Lutou enquanto teve forças. O número de filhos, a doença e só o magro ganho do pai esgotaram-lhe a iniciativa. O sonho da casa parou. Ainda não morreu de todo, mas está moribundo.

As pessoas da aldeia que se juntaram à nossa volta pediram ajuda para aquela família.

● Os grãos de arroz que comi ao jantar pareceram-me salpicados do sangue inocente destes irmãos que hoje encontramos!

Padre Horácio

brica de têxteis, seguiram depois para Braga e Guimarães onde visitaram o Castelo. Seguidamente, rumaram para a Póvoa de Varzim e pararam na praia; fazia calor e apetecia dar um mergulho.

Por fim, foram até Pedras Rubras e visitaram o Aeroporto.

Todos gostaram do passeio e não houve nenhum incidente. Tudo correu bem.

FUTEBOL — Defrontámos, no dia 1, uma equipa da Escola Secundária Filipa de Vilhena, do Porto. O jogo não teve história e serviu para fazer um jogo-treino e rodar a equipa. Os golos foram tantos que perdemos a conta!

Os elementos desta Escola ficaram para a tarde, para conviverem connosco. Fizeram uma demonstração de Karaté que teve muita assistência e os aplausos não faltaram.

Defrontámos o Assento, equipa local, no dia 8, e não demos hipóteses: ganhámos por 8-2 e o adversário não deu a réplica que seria de esperar.

Também os mais pequenos tiveram a sua oportunidade e jogaram no dia 7 com a equipa do Colégio de Nova Sintra, do Porto.

A equipa adversária poucas chances deu à nossa formação, que ainda não tem o entrosamento necessário para poder competir com equipas bem organizadas. Desta vez perdemos por 8-0 e a culpa foi toda do adversário que jogou em velocidade não dando espaço para os nossos pequenos jogadores trocarem a bola.

VISITAS — Continuam a um ritmo impressionante! Durante a semana são Escolas Primárias. No fim-de-semana pessoas que vêm passar o domingo connosco, querendo conhecer

melhor a nossa Obra e a nossa comunidade.

É com muito agrado e simpatia que recebemos os nossos visitantes.

Ludgero Paulo



O Alexandre, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, e a Emília posaram para a posteridade no dia do casamento.



## DOCTRINA

*Não pode olhar para trás quem uma vez lançou as mãos ao arado*

• No momento em que se lançam estas mal notadas linhas nas colunas do jornal, fervilha a alegria no coração de inúmeras criancinhas e a tristeza no nosso, que temos tantos dias à nossa frente e tão pouco que lhes dar de comer!

• Temos feito actos de confiança no nosso Bom Deus; e temos olhado, com infinita amargura, as portas ricas que nos têm despedido, algumas com capela dentro de casa e lâmpada acesa ao Santíssimo Sacramento, como se o primeiro Mandamento fosse o amor de Deus somente! Isso era dantes, nos mestres da Lei antiga. Hoje, o Mestre ensina diferentemente; a pontos de os Apóstolos poderem ter dito ao mundo que todo aquele que diz amar a Deus e não ama igualmente o Próximo, esse mente.

• Tanta responsabilidade diante de nós; tantas boquitas pobres com todo o direito ao pão-de-cada-dia, que somente o comem quando calha — e tu dizes que vá embora e não seja impertinente! Para a Obra tudo é auxílio; para os Pobres, só o pão. A opressão de todo o Pobre é um pecado contra a Justiça; e tu, fazendo o que fazes, oprime-os. Senhor de infinita Justiça! Como há-de ser triste aquela palavra do dia derradeiro: «Não te conheço... porque também nunca Me conhecestes!»

• A gente fia-se nas mãos que nos dão as melhores referências da eficiência dos miúdos e aqui é tudo às avessas. Durante o dia não há novidade; mas com o cair da noite chegam os trabalhos. Uns caem da cama abaixo, num aflitivo «ai Jesus que fiz um galó!» e, tolos com o sono, trepam para a cama dos mais; outros, erguem-se pela noite fora a gritar: «acuda, minha mãe, que andam aqui ladrões!»; outros ainda, do fundo das camaratas, reclamam luz por causa do medo; sem dizer nada dos que não querem ir para os montes, com medo dos pinheiros!

*D. Américo*

Do livro *Pão dos Pobres* — 1.º vol.

O sentido profundo deste «Agora» do nosso Pai Américo!

O Samaritano perante o homem caído na estrada não passou adiante. Naquele preciso momento, parou e cuidou dele. Se ele tivesse adiado: «Logo... amanhã...», não seria Parábola do Senhor.

O «Agora» é o momento da fome; a hora da aflição; o minuto da angústia; o tempo da cadeia; a quinzena do hospital.

O «Logo» é sempre o amanhã em que o meu Próximo pode morrer abandonado por mim.

De facto, são tantos os nossos problemas... Sempre afli-

## AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

precárias circunstâncias ou com sérias dificuldades. Um cristianismo destes, além de ser um contra-sinal, não conduz, de certo, a parte nenhuma. Os Sacramentos são, por sua natureza, instrumentos de Salvação; e os santos, modelos ou propostas de vida que nos sugerem caminhos a percorrer, sem prejuízo da alegria salutar ou da necessidade de descompressão que o dia-a-dia supõe e exige. Não invertamos, porém, o sentido das coisas ou dos valores.

■ Depois das Festas de Lisboa e de Loures seguiram-se as de Torres Vedras e de Odivelas. Em toda a parte o mesmo carinho: casas cheias, a abarrotar; entusiasmo desmedido e contagiante. A todos os que as tornaram possíveis ou nelas colaboraram, queremos deixar aqui um sentido **bem-hajem**.

Padre Luiz

## Reflectindo

Cont. da 1.ª pág.

Aqueles são os que encontraram «o tempo para nascer» e desde então não o desperdiçaram mais. Pelo preço de quantas lutas, quantos sofrimentos, quantas renúncias — diria: de quantas mortes — eles compraram a alegria da verdadeira vida! Os segundos, julgando, insensatamente, explorar a vida, gozá-la — esgotaram-na depressa e anteciparam «o tempo de morrer». Não esperaram por ele; não o prepararam; precipitaram-no. E não é vida verdadeira aquela que não está sempre preparada para «o tempo de morrer».

Cada um, ainda que chegue só agora um tempo adiado para nascer, tem sempre a sua hora para trocar os modelos viciosos segundo os quais foi moldado

# AGORA

tos no caminho... Preocupados connosco e nossas coisas... Difícil, tão difícil, atentarmos na fome e na sede dos Outros!

Samaritanos que param? Sem dúvida. E que exemplos de amor e de fé! É deles a **procição** do «Agora» iniciada com Pai Américo e, cada vez mais, multidão de samaritanos — luzinhas verdes — para os nossos Autoconstrutores.

Abre, hoje, esta **procição**, a «mãe que crê em Deus» com a renda da viúva. Como é bom crer em Deus e viver a Fé!

A seguir «uma pessoa de família que não quis flores no seu funeral» e, em vez delas, uma Luz a projectar-se no Infinito! Logo uma empregada doméstica «com uma oferta pequena», mas um coração grande. O Senhor olha os corações. Amiga, do Porto: «Creditaram-me, este mês, o aumento da minha pensão de reforma. Totaliza noventa mil. Lembrei-me da casa da Família Cruz. Será um pequeno alívio para o seu Calvário». Será, graças ao seu amor. Vem a amiga Ana Estrela com algumas telhas, que são, de facto, estrelas que cintilam. M. Pereira e amigos e anónimo no Montepio, de Lisboa: 22.500\$00.

Amiga M. Glória, de Viseu, com uma ajuda aos Autoconstrutores e: «Os livros do Pai Américo são lidos com o amor com que se lê a Bíblia, pois eles são o Evangelho vivo». Mais uma médica, de Lisboa, com quinze mil por alma do pai. A Maria Amélia com vinte mil para a família Soares. Para a mesma, de António Francisco, da Parede, 50 mil «para alívio da heróica família». Mais Maria Adriana para um telhado.

O assinante n.º 20 com sua presença amiga e habitual.

até aqui, pelo Modelo, ao Qual (e pelo Qual) se há-de ele-próprio assimilar. É a realização da nossa auto-paternidade: «Isto fazemos — escreve S. Gregório — quando recebemos Deus em nós, tornando-nos filhos d'Ele». E tornamo-nos tal, formando em nós «a imagem do Filho d'Ele, de Cristo», até à plenitude e perfeição destinada por Deus a cada um.

É trabalho para uma vida inteira. Mas, se assumi-lo, significa termos achado «o tempo para nascer», significa igualmente termos achado «o tempo para morrer», pois, empenhados em decisão e esforço tais, nunca este tempo nos surpreenderá.

Olhe cada um a sua oportunidade e não a perca.

Padre Carlos

Idem, o n.º 24025. E. Ribeiro, assinante 28195, Arminda Monteiro, assinante 31725, assinante 19041, Mariete, Lfgia, de Fiães, assinante 14838, assinante 27598, Maria Celeste e Caixa Têxtil com suas velas bem acesas.

\* Mais a Maria Isabel e Engrácia, no Montepio de Lisboa. A Dr.ª Felicidade, por alma do pai, já três vezes com 12, 13 e 15 mil para uma casinha. Também presente o amigo M. M.: «Creio que com esta migalhinha fica em 335.000\$00. Oxalá o Senhor me permita completar a «Casa da Paz». O Senhor já a considera acabada pois olha o desejo do seu coração. «350\$00 diários para alimentar onze pessoas... Como pode ser?» Fique tranqüila a Maria do Carmo, pois as ajudas que têm vindo, aliviaram. Graças a Deus! «Junto uma migalha para um caso mais urgente. É assim a vida dos pobres. E confesso que é uma graça ser pobre, porque se fosse rica talvez não tivesse vontade de repartir.»

## Associações dos Antigos Gaiatos LISBOA

Levou esta Associação a efeito uma Assembleia-Geral que visava, para além de outros pontos, a eleição dos novos Corpos Gerentes, a título extraordinário com mandato para dois anos, dada a aproximação das comemorações do Centenário do Nascimento do nosso Pai Américo.

Não compareceram muitos. Se é certo que alguns não puderam comparecer, outros há que, infelizmente, se esquecem, ou querem esquecer(?) que foram gaiatos; que têm o dever, sim porque é um dever, de fomentar a união entre aqueles que viveram debaixo da mesma Obra.

Eles vêm... Hão-de vir! Bem... avancemos.

Depois de algumas considerações acerca da Direcção que findava o seu mandato, nem todas com razão (mas as críticas, quando construtivas, ajudam a evitar a repetição do erro), foi presente uma lista, que, votada por unanimidade, ficou assim ordenada: Assembleia Geral — Presidente, Cãn-

talvez, Maria Fernandes. Presente a casa «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo» com mais 4 mil. Mais a presença habitual de M. M.-A. L.

Mais ajudas à família Soares: De Augusto Pinheiro; Externato de N.ª S.ª da Paz; Natália Malaquias e Maria Efigénia. Graças a todos, esta família recuperou a esperança!

Muitas presenças e anónimos no Espelho da Moda. Cantemos todos ao Senhor as maravilhas do amor!

Para finalizar a nossa **procição**, só esta carta linda duma «D. Preciosa», de Guimarães: «Termino muitas vezes a leitura do «Agora» com as lágrimas nos olhos e voz embargada. É de reler o Evangelho e de ver como as pessoas se desapegam dos seus bens terrenos por amor aos Irmãos. Sinto no meu coração mais alegria, mais amor para com o Próximo». Bendito seja o Senhor!

Padre Telmo

dido Pereira; Secretário, Zé Adolfo; Vogal, Tomás. Direcção — Presidente, Eurico Moreira; Vice-Presidente, Nuno; Secretário, Marinho; Vogais: Fernando («Santarém»), Luís («Presidente») e Alfredo Marques. Conselho Fiscal — Presidente, Diniz; Secretário, Pisco; Vogal, Firmino.

Espero, antigo Gaiato, que tentes entender a finalidade da nossa Associação.

Em breve daremos mais notícias. Até lá... um forte abraço do

Marinho

## SETÚBAL

Vamos comemorar o 5.º aniversário da nossa Associação, no dia 5 de Julho, com o seguinte programa:

— 8,30, partida de Setúbal para Algeruz;

— 10h, Missa comunitária;

— 11,30h, reunião da Associação.

— 13,30 h, almoço de confraternização.

— 16 h, jogo de futebol.

— 17,30 h, merenda.

Depois, é o regresso e as saudades... E o desejo de novo encontro em nossa Casa do Gaiato de Setúbal.

Não faltes, caro companheiro!

Américo Correia

Director: Padre Telmo  
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
 Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel